

Palavras úmidas

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Palavras úmidas. Homenagens, prefácios e outros escritos. Josineide Silveira de Oliveira, Louize Gabriela Silva de Souza (Orgs.). Natal: EDUFRN, 2014. Coleção Baobá, v. 1. (426 páginas).

Marcas da natureza e da cultura, o cru, o cozido, o fresco, o defumado, o seco e o úmido inspiraram poetas, romancistas, cientistas de todos os tempos, como se todos esses homens ávidos de saber estivessem em busca da recuperação de um tempo perdido que não volta mais. São fronteiras, mediações que transformaram os homens no que são hoje, Imersos nas redes líquidas da mundialização, perdidos nos espaços da existência, da afetividade, do amor.

A ciência transformou-se também e, desde o iluminismo, preferiu o refúgio da especialização, o conforto da fragmentação, a adesão ao produtivismo. Perdeu a consciência de si, deixou de lado as sombras deste mundo. As narrativas que produz são frias, desvitalizadas, endogâmicas. Só há um caminho a seguir: resistir enquanto é tempo a esse estado de coisas por intermédio de uma visão de mundo cosmopolita, integrativa, polifônica.

Para começar, precisamos dissolver a cultura na natureza, acabar de vez com essa maldita oposição. Para isso, a análise das mediações, das passagens, das ressonâncias torna-se fundamental. Muitos pensadores empenharam-se nessa tarefa ao mesmo tempo grandiosa e desafiadora. Claude Lévi-Strauss foi um deles. No volume dois de suas Mitológicas – Do mel às cinzas – ele fornece uma pista que me permitiu escrever esta resenha para Palavras Úmidas de Conceição Almeida, com prefácio e orelha de dois matemáticos, Fredy González e Ubiratan D'Ambrosio. Uma breve apresentação de Conceição Almeida é cercada de emotividade e afeto, marca indelével de seus escritos.

O conjunto foi organizado por Josineide Oliveira e Louize Souza, ambas integrantes do GRECOM (Grupo de Estudos da Complexidade-UFRN), grupo do qual recebi a delicada etiqueta de assessor permanente. Essa assessoria, percebo nitidamente agora, nada mais é do que o exercício de uma cumplicidade oceânica no plano da vida em geral e, principalmente, da amizade que cerca todos os componentes do grupo.

Retornemos, porém, a O seco e o úmido, primeira parte do volume dois. Mitos falam de épocas ancestrais nas quais homens e animais não se diferenciavam. Produto do estado de natureza, o mel já existia antes mesmo que as distinções natureza e cultura, animalidade e humanidade fossem consagradas. Um conjunto de narrativas míticas sobre as origens da água,

dos animais, dos alimentos, sobre moças loucas por mel passa a ocupar o complexo espaço da enunciação lévistraussiana. Estamos diante de uma musicalidade estrutural que requer o olhar, a escuta, a leitura reiterada.

Aos poucos, percebemos que quente, seco, frio, úmido são qualidades dos sistemas vivos, embalados por fogo, ar, terra, água. A umidificação é, portanto, um processo complexo que irriga as fontes da vida e aplaca a secura do mundo. A beleza interior de uma flor de lótus, que vive no mundo, mas não se liga com aquilo que o rodeia, assume uma grandiosidade inenarrável diante da imensidão complexa de um cosmo em constante expansão.

Talvez seja esse o sentido do poema de João Cabral de Melo Neto Fazer o seco, fazer o úmido. Ao se referir à seca que assola as caatingas, o poeta reitera que a agrura da seca pode ser minimizada pelas gotas úmidas que brotam da música. Talvez, ele afirma, “as gotas dessa música/que a gente dali faz chover de violas,/umedecem, e, se não com a água da água,/com a convivência da água, langorosa”. O esplendor do poema é amplo grande demais para os limites restritos desta resenha.

Foi assim que, após várias leituras, entendi a intenção dessas Palavras Úmidas, distribuídas em oitenta e cinco textos agrupados pelas organizadoras em quatro blocos, cabendo ao leitor escolher seu destino, valorizar aqui e ali as narrativas que Conceição Almeida nos propicia. Se gostar de homenagens, é a primeira parte que assume o comando. Se preferir prefácios e apresentações, a segunda e a terceira são fundamentais. Textos breves e densos estão na quarta, as chamadas orelhas. O importante é compor uma paisagem simbólica própria, sem destino programado. Em muitos deles, me sinto fortemente presente, em outros cúmplices explícito, definitivo, de um modo de conhecimento que não adere nem concede, mas que sabe a que veio.

Como afirmou Nietzsche aquele que, de alguma forma, alcançou a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra. Não é mais um mero viajante que se dirige a uma meta final, pois esta não existe. Em sua totalidade, o conjunto umidifica a alma e o pensamento, irriga a mente, potencializa o corpo e, acima de tudo, demonstra que somos todos andarilhos, mesmo que no interior das fronteiras sitiadas da fragmentação.

Talvez, por isso, o GRECOM tenha adquirido uma visibilidade que excede as fronteiras institucionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Talvez, por isso, este livro seja um livro-andarilho, nietzscheano, que faz com que o leitor navegue por lugares e não-lugares, ao sabor de seus próprios desejos, pulsões, utopias, recalques, ansiedades. Se o parque humano está seco e árido demais, umedecê-lo pode trazer algum alento ao mal-estar instalado na civilização.

Sair da apatia, restaurar a sabedoria, redescobrir a felicidade, assumir a paixão podem ser vias para o futuro dos humanos. Claro que elas implicam a negação de modos de vida consagrados e estabelecidos. Esse é o sentido da libertação da alma. Como Freud afirmou, pela negação, o pensamento se liberta das limitações da repressão e se enriquece de conteúdos. Trata-se de uma tarefa inadiável que a leitura deste livro pode propiciar.